

# **Emma Wildes**

## Uma Aposta Perversa

Tradução  
Maria José Santos

## PRÓLOGO

### *Hipódromo de Ascot, 1812*

Os cavalos avançavam com estrépito pela recta de chegada por entre os berros da multidão e, momentos depois, Nicholas Manning, o sexto duque de Rothay, voltou a ganhar com o seu espectacular cavalo preto. Na verdade, naquele dia a sua coudelaria limpou tudo até àquele momento.

Não era grande surpresa.

Não havia dúvida; o homem tinha um toque mágico quando se tratava de cavalos, e corriam rumores de que era ainda mais hábil quando se tratava de mulheres.

Era fácil de acreditar. Caroline Wynn observava-o, quando ele caminhava através das bancadas em direcção à sua *box* privada, o seu sorriso lendário a resplandecer em resposta às felicitações proferidas pelos amigos. O duque era dono de um tipo especial de beleza flagrante que aliava uma forte masculinidade a uma esplêndida estrutura óssea clássica e a uma dramática cor morena. Além disso, era alto e de constituição atlética, e deslocava-se com um à-vontade natural ao subir as escadas, sem dúvida mal podendo esperar para celebrar as suas vitórias. Estava vestido com uma elegância casual – casaco azul-marinho de bom corte, bragas tufadas e botas engraxadas, a seda de ébano dos seus cabelos a contrastar com o branco ofuscante do lenço de pescoço atado na perfeição.

– É óbvio que Rothay parece satisfeito consigo próprio – murmurou Melinda Cassat, abanando-se vigorosamente

com o leque para se defender do calor do final da tarde. Pequenos caracóis castanho-escuros moviam-se-lhe em volta do rosto a cada golpe do seu pulso. O local onde estavam sentadas era protegido por um pequeno toldo às riscas, mas nem uma brisa bulia. O céu sem nuvens era de um nítido azul-cobalto-escuro.

– Ele ganhou, por isso por que é que não deveria estar satisfeito? – Com um ligeiro aperto na boca do estômago, Caroline observava a figura alta do duque a desaparecer na *box*.

*Que estou eu a fazer?*

– Não é que ele precise do dinheiro. O homem é tão rico como Creso. – Melinda empurrou uma gavinha de cabelo caprichoso do pescoço e franziu os lábios. – É claro que apostar numa corrida de cavalos é muito menos escandaloso do que o último rumor sobre as suas aventuras amorosas. Ouviste-o?

Contente pelo facto de o calor do Sol poder justificar-lhe o rubor das faces, Caroline mentiu sem reservas.

– Não. De que estás a falar?

Ávida bisbilhoteira, Melinda pareceu encantada com a pergunta. Inclinou-se para a frente, os olhos castanhos semi-cerrados em jeito de conspiração. O peito cheio elevou-se-lhe, à medida que ela tomava rapidamente fôlego.

– Bem, parece... pelo menos é o que dizem, sabes... que o formoso duque e o seu amigo íntimo, lord Manderville, que, como ouviste dizer, herdou do pai a reputação de libertino de primeira ordem, fizeram uma aposta escandalosa para descobrirem qual deles é o melhor amante.

– A sério? – Caroline esforçou-se por exibir o que ela esperava que fosse uma expressão muito desinteressada.

O rosto da amiga estava iluminado de excitação e intriga.

– Inacreditável!

– Tens a certeza de que é verdade? Quer dizer, minha querida, isto é Londres, e este é o *haut ton*. Nem todos os rumo-

res são certos. Sabes tão bem quanto eu que a maior parte deles são mentiras engenhosas ou, pelo menos, exageros.

– Sim, mas pelo que sei eles não o estão a negar. A aposta está devidamente registada nos livros do White's e as apostas em quem ganhará estão agora a acumular-se em quantidade recorde. Eles estão sempre a roçar o escândalo, mas desta vez superaram-se a si próprios.

Caroline observava os jóqueis a montarem para a última corrida.

– Como é que alguém poderia provar uma coisa tão absurda? No mínimo dos mínimos o resultado deve ser subjectivo. Afinal, se eles estão a apostar, qual deles é o melhor amante, quem é o juiz em tudo isso?

– Bem, minha querida, essa é a parte verdadeiramente escandalosa. Precisam de uma mulher que seja uma crítica imparcial. Toda a alta sociedade especula sobre quem ela será.

– Isso é um pouco bárbaro, não é? Ela teria de concordar em ser íntima de... bem, de ambos, suponho. Meu Deus.

Melinda olhou-a com manifesto divertimento.

– Já esperava que disseses isso, uma vez que és tão pudica. Não sei se será propriamente bárbaro, mas está com certeza para além dos limites, até para uns libertinos tão célebres quanto eles. No entanto, estão-se a fazer ainda mais apostas sobre a rapidez com que eles serão capazes de encontrar alguém apropriado que concorde em experimentar o que cada um deles tem para oferecer. É imoral de mais, mas dois dos homens mais bonitos de Inglaterra fariam o máximo possível para agradar à pessoa escolhida. Imagina o que espera a senhora que concorde.

Bem, ela estava bem ciente da sua reputação fria e altiva, mas, mesmo assim, o facto de lhe terem chamado pudica fez com que Caroline se sentisse na defensiva.

– Não sou propriamente uma velha matrona definhada. Consigo compreender por que é que uma mulher não resis-

tiria a um homem bonito e encantador capaz de a seduzir naturalmente. É certo que aqueles dois reúnem os requisitos necessários, uma vez que, a julgar pelo que se diz, têm praticado bastante.

– Na realidade, têm, e nunca insinuei que és velha ou definhada, muito pelo contrário. – A amiga suspirou com uma ênfase dramática. – Mas não és muito acessível, Caroline. Sei que te puseste em guarda desde o teu casamento e a morte de Edward, mas, muito sinceramente, precisas de voltar a viver. Se quisesses, metade de Londres estaria prostrada aos teus pés, querida. És jovem e bonita.

– Obrigada.

– É verdade. Os homens fariam fila com flores e sonetos. Não há motivo para definhares numa solidão solteira.

– Não desejo voltar a casar. – Era completamente verdade. Uma vez fora suficiente. Uma vez fora mais do que suficiente.

– Nem todos os homens são como Edward.

Distraidamente, Caroline observava os cavalos a formarem uma linha e ouviu a pistola responder, antes de eles se precipitarem para a frente. Era certo que ela esperava que nem todos os homens fossem como o seu falecido marido, pensou, enquanto os magníficos animais se lançavam instintivamente para a frente, já que em breve o galante duque estaria a ler o seu bilhete.

## CAPÍTULO 1

– Isto é interessante. – Nicholas murmurou as palavras e estendeu a mão para agarrar o decantador de brande, deitando uma dose avultada no copo de cristal que se encontrava junto ao seu cotovelo. Pousou o decantador com um ruído seco e passou novamente os olhos pelo pedaço de papel velino que tinha na mão. Um regresso a Londres após um exigente mas triunfante dia dedicado ao desporto de reis era responsável pela sua boa disposição, suavizada pela vitória e pela conseqüente celebração. Uma retirada para o seu escritório parecia adequada. Era, de muitas maneiras, o seu santuário, mesmo que ele passasse uma excessiva quantidade de tempo a trabalhar lá.

Fazia-o lembrar do pai, e talvez fosse por causa de um seu lado sentimental que não admitia a ninguém, mas não alterara nada ali. O mesmo tapete cobria o chão encerado, desbotado de um lado devido ao sol que entrava de esguelha através da janela de pinázios, e a secretária estava igualmente desarrumada. Os livros das estantes de carvalho colocadas a seguir à lareira produziam o familiar odor a mofo do couro a apodrecer lentamente e do papel a amarelecer.

– O que é interessante? É alguma coisa relacionada com as corridas? – À frente dele, Derek Drake, conde de Manderville, ergueu uma sobrancelha de um tom loiro-escuro e enterrou-se mais na cadeira, confortavelmente estendido. Como de costume, Derek estava vestido segundo a última moda: as roupas de bom corte assentavam na perfeição no

seu corpo magro, as botas hessianas<sup>1</sup> lustrosas cruzadas, enquanto ele estava indolentemente reclinado na sua cadeira. O rosto de bonita estrutura óssea reflectia apenas moderada curiosidade. – Nick, os teus cavalos superaram-se a si próprios hoje. É verdade que isso não é grande surpresa. Não é que eu me importe. Fiz uma bela maquia naquela última corrida, seguindo o teu comentário de que *Satan* estava em forma. Obrigado pela dica.

– Não tens de quê, mas não é isso. – A atitude de rejeição do assunto não era porque Nicholas não se importasse com as corridas – os seus cavalos eram a sua paixão e ele era competitivo ao ponto de isso ser um defeito pessoal –, mas a letra elegante do bilhete que tinha à sua frente intrigara-o. Levantou o olhar e, com dois dedos, estendeu o pedaço de papel velino ao amigo. – Olha para isto, Derek.

O companheiro pegou no pedaço de papel dobrado, o interesse, obviamente, a aguçar-se-lhe à medida que lia as palavras. Tal como Nicholas, Derek leu a elegante caligrafia duas vezes e levantou o olhar.

– Bem, isto parece promissor, não parece?

– Não é a nossa primeira oferta. – Nicholas tomou um gole da bebida, o brande francês a parecer seda aquecida na sua boca. Pagara uma pequena fortuna por ele, mas, a não ser de contrabando, era impossível encontrá-lo, e ele considerava que o preço valia bem a pena. – Mas confesso que me agrada a abordagem directa desta senhora.

– Responde a um desafio com um desafio. Sim, é original. Já a admiro. No entanto, seria bom saber quem ela é. – A boca de Derek torceu-se e ele leu em voz alta: – Se prometerdes total discrição e se desejais uma juíza imparcial para a vossa aposta ridícula, ajudar-vos-ei. Mas ficai desde já avisados de que a experiência que tive até hoje nas questões

---

<sup>1</sup> Botas militares, em couro preto e brilhante, feitas no início do século XIX por sapateiros de Hesse, na Alemanha. (*N. da T.*)

entre homens e mulheres não me impressionou. Se estais interessados num encontro para discutir este assunto, sou favorável à sua realização.

Era inteligente, pensou Nicholas, criticar a sua anterior decepção sexual para lhes espreitar o interesse. A senhora tinha razão, se ele se permitisse admiti-lo: a aposta era, de facto, ridícula, feita quando ambos se encontravam mais do que um pouco embriagados.

– Uma pequena estocada de ataque, reparo – comentou Nicholas, divertido. – Uma proposta com uma ponta aguçada. A nossa misteriosa senhora tem coragem. Isso agrada-me.

– Sim? – Derek lançou-lhe um olhar especulativo.

Tinham tendência para ver as mulheres com o mesmo interesse carnal temperado por uma nítida predisposição para um afastamento emocional. A conquista sexual era um jogo, e eles eram ambos jogadores experimentados.

Nicholas não desenvolveu. Sentia uma pressão cada vez maior para casar, tanto da parte da sociedade como da família. Era o que se esperava – ele sempre soubera que se esperava –, mas admitir a sua relutância em encontrar uma esposa significava reconhecer algumas verdades sobre si próprio que ele ainda não estava preparado para enfrentar.

Todos os homens cometiam erros. O seu erro memorável era, por natureza, catastrófico, mas, mais uma vez, a catástrofe era só sua, causada pela juventude e pela inexperiência, e, desde então, ele compensara-a de todas as maneiras possíveis. Aparentemente, essas maneiras incluíam apostas imprudentes do género mais excêntrico. Observou com estudada casualidade:

– Com certeza. Uma mulher aventureira é sempre atraente no quarto, não concordas?

– Concordo que, se formos em frente com isto, as nossas reputações dificilmente sofrerão mais do que já sofreram, por isso, porque não?



A palavra «embaraçado» não existia no vocabulário de Nicholas. Há muito que ele se apercebera de que a bisbilhoteira era uma parte inevitável da sociedade londrina e ficar fora de escândalos era esforço a mais para pouco ganho. No entanto, ele e Derek estavam ambos de acordo em que teriam feito melhor se não tivessem registado a competição e não tivessem feito tamanha aposta no resultado. Agora todo o *haut ton* estava em pulgas.

Lançou a Manderville um sorriso preguiçoso.

– Não há forma de não mordermos o isco, pois não? Até aqui, as ofertas para entrarem na aposta – e nas nossas camas – foram feitas, na sua maior parte, por senhoras de reputação duvidosa, que desejam partilhar a nossa notoriedade. Esta parece um pouco diferente. Quer anonimato, parece.

– Não tenho nada contra uma mulher experiente, mas concordo, o sigilo que ela pede é uma perspectiva única. – Derek batia com um dedo no pedaço de papel, as pernas compridas esticadas. – Ela pode ser perfeita, desde que não seja feia ou alguma jovem solteira à pesca de fortuna e de um título.

– Subscrevo isso. – A simples ideia de uma jovem ingénua a envolver-se na aposta estava fora de questão. A aposta fora simplesmente uma distração divertida; ficara apenas um pouco fora de controlo. Em retrospectiva, a terceira garrafa de clarete fora uma má ideia naquela noite, mas Derek, em especial, parecera decidido a beber até ao esquecimento.

Agora que Nicholas pensava nisso, nada daquilo estava de acordo com a sua maneira de ser. Não podia pôr a mão no lume, mas tinha a sensação de que havia algo de errado. Ultimamente, o habitual bom humor de Derek parecera forçado. O seu encanto natural e calmo era uma das razões por que as mulheres o consideravam tão atraente, mas durante os últimos meses, no mínimo, ele andara deprimido e distraído.

– Não temos de fazer isto, sabes? – lembrou Nicholas ao seu companheiro, observando-lhe o rosto para lhe avaliar a

reação, o calor do brande a fazê-lo sentir-se levemente ébrio e introspectivo. – Foi uma brincadeira impulsiva entre dois amigos e temos tendência a ser um pouco competitivos um com o outro, o que não é segredo nenhum.

– Estamos a recuar, Nick? – perguntou Derek num tom de censura irónica. Loiro, alto, com olhos da cor de um céu azul e uma beleza quase angélica, criava a antítese da própria aparência morena de Nicholas. – Quem te pode censurar, se vais perder?

Lá estava outra vez aquela incaracterística ironia nervosa.

Funcionou. Nicholas resfolegou perante o olhar presunçoso que viu no rosto do amigo.

– O que te faz pensar isso? O bando de senhoras insípidas constantemente na tua cama? Deixa que te lembre que a quantidade não substitui a qualidade, Manderville.

– Se estás a tentar fingir que és menos promíscuo, Rothay, vai vender essa a outro.

Não estava, na realidade, e teve de reprimir uma resposta irritada. Promíscuo, isto é, independentemente dos rumores que circulavam sobre a sua vida privada. Nicholas gostava realmente de mulheres – mas, apesar da sua fama, era selectivo e tentava ser discreto. Quanto a isso, sabia que Derek também não era tão mau quanto os rumores duvidosos o pintavam, e as suas inclinações eram muito parecidas. Ultimamente, ele nem sequer ouvira dizer que Derek andava atrás de alguém. Se não era celibatário, estava com certeza a ser discreto em relação ao assunto.

Talvez tivesse sido daí que a aposta impulsiva viera. O desafio de Derek e a sua própria resposta, ambos devidos a uma inquietação mútua causada por... bem, ele não tinha a certeza. Demasiada busca interior não era boa para a alma.

Pelo menos para uma alma baça como a dele.

Em defesa de ambos, pelo menos a maior parte dos casos de amor fortuitos era um agradável entendimento entre duas partes e não envolvia sentimentos mais profundos. Embora

Nicholas duvidasse de que a sociedade acreditasse, ele pensava que o casamento devia basear-se em mais do que na genealogia de uma mulher e na capacidade de ela dar à luz um filho da linhagem adequada. O facto de ser um romântico de coração era algo que ele guardava para si próprio. Não por se tratar de uma atitude antiquada – embora fosse –, mas por ser um assunto íntimo. Deus sabia que ele já tinha tão pouca privacidade na sua vida devido à sua educação aristocrática e à proeminência da sua família e do seu título.

Depois só piorara as coisas ao aceitar aquela estranha aposta e ao tornar-se o centro de mais atenção pública.

Nicholas esfregou o maxilar.

– Devo estar mais entediado do que pensava – confessou –, para chegar a considerar a hipótese de ir para a cama com uma mulher com um cartão de avaliação na mão.

– Nesse caso, sofremos ambos da mesma doença. – Manderville lançou-lhe um olhar cínico. – Mas já embarcámos nisto. Olhemos para a questão desta forma: a ser verdade o que diz o bilhete, podemos fazer um favor a esta mulher ao fazê-la mudar de opinião em relação ao prazer sexual.

– Como se fosse um acto de caridade? É uma forma interessante de justificar a situação.

– Não te esqueças de que não fomos nós que a contactámos. Foi ela que veio ter connosco.

Bem, era verdade.

– Deprendo que pensas que devíamos responder afirmativamente e combinar o encontro que ela quer. – Abanou o copo vazio.

Derek acenou com a cabeça.

– Mal posso esperar para conhecer a jovem senhora.

– O que te faz pensar que ela é jovem? Quanto a isso, talvez precisemos de decidir o que vamos dizer, se nenhum de nós a considerar atraente. Esse pode ser um ponto desagradável. Afinal, o desejo é um ingrediente necessário para ser um amante competente.

– Exacto. Duvido de que me saísse bem com uma bruxa velha e feia. Há uma coisa que um macho não consegue fingir, e essa coisa é a excitação sexual.

Nicholas teve de concordar sobre esse ponto. Embora pensasse que uma mulher não tinha de ser uma beleza ofuscante para lhe despertar o interesse, parte da química sexual era a atracção mútua.

O final de tarde fixara-se num padrão de estrelas brilhantes e de algumas nuvens altas, o luar sombrio visível para lá da janela. Num movimento indolente, voltou a encher o copo e pousou o decantador suficientemente perto do seu convidado para que este fizesse o mesmo. Lentamente, disse:

– Penso que as nossas preocupações nesse aspecto não têm fundamento. Espelho que ela é bonita, pois o tom do bilhete revela uma certa confiança em que concordaremos.

Derek pegou mais uma vez na missiva e voltou a passar-lhe os olhos por cima.

– Penso que tens razão. – Os olhos azuis mostravam laivos do seu habitual humor trocista, mas a boca parecia um pouco tensa. – Realmente, mal posso esperar para a conhecer. Escreves tu a resposta ou escrevo eu? Temos também de pensar num local adequado para nos encontrarmos, uma vez que ela exige total discrição.

– Deixemos que seja a senhora a decidir. Ela é que quer manter secreta a sua identidade.

– É justo – concordou Derek com um sorriso indolente.

– Temos de ter regras, se ela se verificar a pessoa certa.

– Suponho que sim, embora estejamos a acrescentar uma dimensão completamente nova à expressão «má fama», como te apercebes, Nick.

Sim, ele apercebia-se. Que estavam eles a fazer? Ambos a fazerem de conta, a fingirem que a aposta era, de alguma forma, séria. No fundo do seu coração, imune à emoção ou não, como poderiam dizer os rumores, ele não acreditava que algum deles fosse, na realidade, suficientemente presunçoso

ou frívolo para entrar numa competição tão absurda. Mas, fosse por que razão fosse, Derek estava decididamente despreocupado em relação ao assunto, e, pela parte que lhe competia, Nicholas abordava a sedução da mesma forma que abordava os assuntos relacionados com propriedades, as questões políticas e as situações sociais: com uma avaliação fria e calculista.

Não havia lugar à emoção nos negócios, na política nem nos assuntos sexuais de um homem. Uma certa parte dele desejava que houvesse, mas essa parte já fora uma vez escaladada pela dura realidade.

Charme... bem, é claro. Ele era Rothay. Gostava de mulheres. Gostava do suave abandono dos seus corpos em êxtase, da música do riso feminino, das palavras quentes sussurradas trocadas no leito durante um interlúdio apaixonado, da indolência após o clímax carnal. Na sua opinião, não havia nada semelhante àquele suspiro soprado especial que uma mulher soltava quando nos encontrávamos bem dentro dela, nem ao cravar das suas unhas, assim, simplesmente, nos nossos ombros nus.

Mas amor, não. Satisfazer-lhe o corpo era uma coisa, o coração, outra.

Ele não era homem de cometer esse erro duas vezes. Mestria sexual, isso não era problema. Especialmente desde a morte do pai, quando ele tinha dezassete anos, procurara fama e encontrara-a. Sem pensar, murmurou:

– «Tudo é efémero: a fama e os famosos também.»

Derek lançou-lhe um olhar ponderado.

– Citamos Marco Aurélio? Posso saber que disposição introspectiva é essa?

– Não. – A resposta era demasiado lacónica e o seu velho amigo conhecia-o bem de mais. A última coisa que ele queria era desenterrar fantasmas do passado. Tomou um longo e calmo gole do seu copo, reclinando-se na cadeira, e emendou: – Espero isto com ansiedade, independentemente dos nossos motivos.